

A memória e o esquecimento nos objetos de José Rufino

Mônica Juergens Age

Graduada em Design, com especialização em História da Arte, pela Universidade da Região de Joinville / UNIVILLE (2013). Mestranda em Artes Visuais pela UDESC, linha de pesquisa Teoria e História das Artes Visuais.

Luciane Ruschel Nascimento Garcez

Professora de Metodologia do Ensino da História da Arte e História da Arte de Santa Catarina do Programa de Pós-Graduação na Universidade da Região de Joinville, Univille, Joinville, SC. Professora na área de cerâmica. Mestre pelo PPGAV – CEART, UDESC na linha de Teoria e História da Arte, bolsista Capes. Doutoranda pela Université Aix-Marseille, França, na linha de Estudos e Ciências da Arte.

Resumo: O presente artigo pretende analisar os principais elementos que pertencem à obra de José Rufino, que remetem à questão da memória e do esquecimento, criando conexões e pontos de contato de outras obras do artista com sua última obra exposta, intitulada *Ulysses*. A metodologia a ser utilizada abrange pesquisa bibliográfica através do levantamento em livros, textos, catálogos, sites de museus, o site de José Rufino e entrevista com o próprio artista, construindo reflexões para análise e como forma de atingir os objetivos propostos.

Palavras-chave: memória, esquecimento, objetos, José Rufino.

Memory and forgetfulness in José Rufino's objects

Abstract: The current paper intends to analyze the main elements that belong to José Rufino's work - as part of a monographic research -, which remit to memory and forgetfulness, creating connections and points of contact of other works of the artist to the last one exposed, named *Ulysses*. The methodology to be used covers bibliographical research through books, texts, catalogs, museums' sites, José Rufino's site and interview with artist himself, building reflections to analysis and as a way to reach the proposed goals.

Keywords: memory, forgetfulness, objects, José Rufino.

Introdução

O principal objetivo deste artigo é analisar as principais características da obra de José Rufino em uma abordagem que remete à questão da memória e do esquecimento, tema recorrente na arte contemporânea. Para essas reflexões pretende-se utilizar especificamente sua última obra exposta, intitulada *Ulysses*, fazendo posteriormente conexões dessa obra com outros trabalhos de Rufino de modo a identificar seu sentido poético, sua fatura e interlocuções.

A pesquisa visa o entendimento da poética de José Rufino, o objeto e suas relações com a memória e o esquecimento, fazendo uma análise de sua obra exposta mais recente, *Ulysses*. Serão estudadas as obras do repertório deste artista que utilizam o objeto como fatura, bem como de outros artistas que se mostrarem pertinentes, identificando os principais elementos que possuem conexão com *Ulysses*.

Na obra de Rufino os objetos ganham novas funções, funções de resgate à memória, uma forma de se evitar o esquecimento, trazendo ao conhecimento questões do passado. Essa apropriação de objetos e sua utilização pela arte é algo que cria uma contraposição interessante, já que os objetos foram criados para satisfazerem necessidades do homem por meio de funções que lhe são atribuídas. José Rufino retira a função usual dos objetos e os alimenta de novas funções, estética, memória, colocando-os na categoria de obra de arte. Os objetos, em seus trabalhos, exercem um efeito na percepção do observador, entre eles pode-se destacar a mobília. O mobiliário está diretamente ligado ao corpo, pois foram criados com o objetivo de serem utilizados no cotidiano. O tratamento que José Rufino dá a esse tipo de objeto remete a um corpo ausente, não apenas à retirada de sua função inicial.

É importante também fazer um levantamento de seus trabalhos anteriores, pois existe uma ligação, pontos de referência que vinculam *Ulysses* aos outros trabalhos de José Rufino, não apenas a questão da memória, mas sua relação com a morte e com o inventário. A própria memória pode ser considerada uma espécie de inventário, pois na memória estão as experiências, que ficam catalogadas. Essas experiências são registro de episódios e sensações já vivenciadas, tanto a memória como o inventário são tipos de armazenamentos.

Em *Ulysses*ⁱ, José Rufino cria uma imagem que possui referência com a literatura, essa imagem criada também necessita de análise e reflexão, pois o *Ulysses* de José Rufino sofre uma transformação, possui pontos de contato com a literatura, mas outros completamente opostos (figura 1).

Para iniciar o trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de levantamento em livros, catálogos, sites de museus e o site do próprio artista, servindo como suporte para o entendimento de como Rufino utiliza as questões referentes à memória e ao esquecimento. Foi feita também a observação e reflexão *in loco* da obra *Ulysses*, já que a exposição seria desmontada dia 17 de fevereiro de 2013.

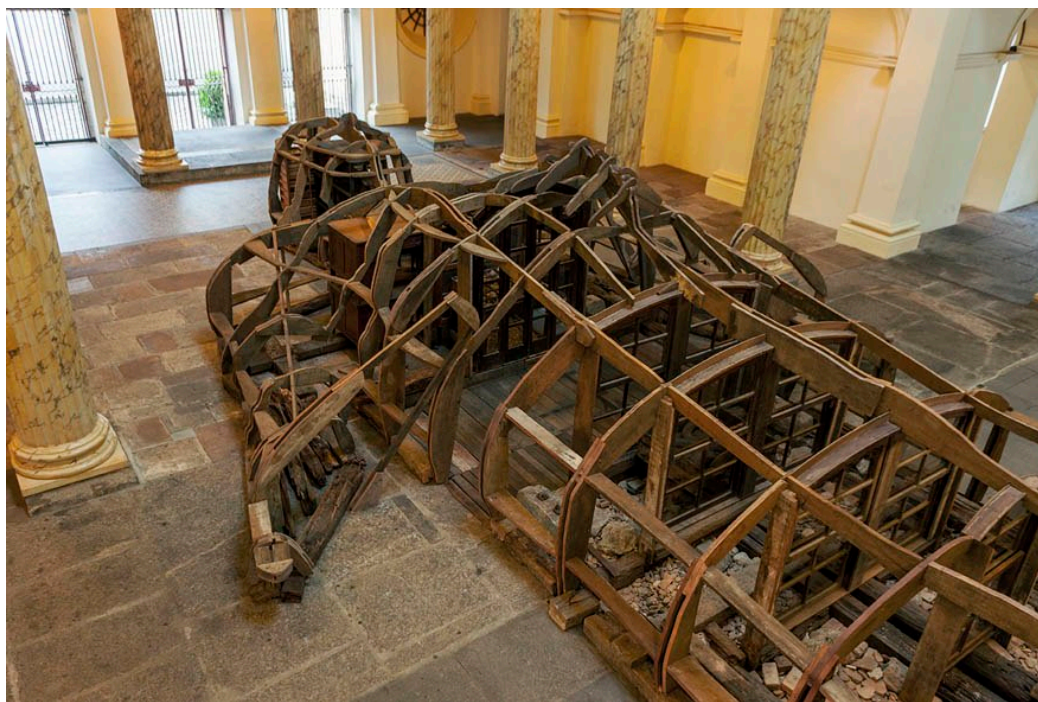


Figura 1. José Rufino - *Ulysses*, Fundação Casa França-Brasil, 2012 (*Site specific*) - Materiais residuais coletados em escavações, demolições, aterros do Rio de Janeiro. Dimensões: 2,82 x 8,30 x 23,30 m. Fonte: www.joserufino.com

1. Processo poético e de fatura em *Ulysses*.

José Rufino vive e trabalha em João Pessoa, PB. Suas obras transitam entre a pintura, desenhos, instalações. Iniciou seu trabalho com poesia, passando para a arte postal, em seguida desenvolveu trabalhos com mobiliário e objetos de família, colocando-os em um novo contexto, elevando esses objetos à categoria de arte. “Ultimamente, tem realizado incursões na linguagem cinematográfica e desenvolve cada vez mais um trabalho misto de monotípias/móveis/objetos e instalações. O diálogo dicotômico entre memória e esquecimento contamina seu trabalho por completo” (Disponível em: www.joserufino.com).

Segundo Fernando Cochiarralle (2001):

A ordenação, no espaço expositivo, dos objetos escolhidos e apropriados por Rufino, que evocam essas memórias urbanas, não obedece à lógica dos fatos registrados pela escrita ou por imagens documentais: resulta de sua livre reinvenção *poética*. *Narrativas* destinadas ao olhar, aliás, não podem ser *explicadas* somente por meio da palavra: precisam ser primeiramente experimentadas e, sobretudo, vistas, antes da busca ansiosa, hoje em voga, por atalhos verbo-explicativos. (Cochiaralle, web, 2001)

O tema do projeto contribui para a aplicação dos diversos conceitos adquiridos ao longo do curso de Especialização em História da Arte e aprofundar a pesquisa no trabalho de José Rufino, que utiliza objetos, muitos deles referentes à mobília. Sua obra confronta toda a relação objeto-homem, pois seus objetos ganham novas funções, evocam memórias e novos sentidos.

José Rufino é geógrafo, com Mestrado em Paleontologia, o que influencia diretamente seu trabalho artístico. Os paleontólogos buscam informações a respeito da vida no passado, a partir de evidências catalogam as espécies encontradas cientificamente. José Rufino planeja, projeta suas obras como se fosse tratá-las cientificamente, mas como são objetos de arte, em um dado momento elas sofrem um desvio, algo que apenas como cientista não seria possível. Como cientista ele não pode criar, deve se ater aos fatos, aos registros. São opostos que se complementam e que de certa forma ele também traz em suas obras como a oposição da vida e da morte.

Seus primeiros trabalhos que ganharam atenção no cenário contemporâneo de arte foram os da série *Cartas de Areia*, nos quais ele utiliza cartas que lhe foram dadas de herança, após a morte de seu avô, José Rufino. O artista, nascido José Augusto da Costa Almeida, se apropria do nome do avô como uma forma de recontar sua história. Como cita o próprio Rufino, “Essa ação, a princípio apenas incompreensível para meus parentes e momentaneamente encarada como uma homenagem, logo passa a revelar os primeiros sinais da minha intenção: provocar uma subversão nas Camadas do Tempo de Vaca Brava” (Rufino, 2007, web).

Os trabalhos deste artista deslocam o espectador, retirando-os do espaço em que estão expostas suas obras e os fazendo entrar no espaço da memória. Utiliza como gesto, como sua marca, a memória em suas obras, e para isso recorre a objetos com valor afetivo, com sua própria memória, e marcas do tempo. Segundo Baudrillard, os objetos possuem uma alma, sua própria marca deixada pelo tempo e pela questão afetiva, nas obras de José Rufino eles têm a possibilidade de “mostrar” seu valor:

Antropomórficos, esses deuses domésticos, que são os objetos, se fazem, encarnando no espaço os laços afetivos da permanência do grupo, docemente imortais até que uma geração moderna os afaste ou os disperse ou às vezes os reinstaure em uma atitude nostálgica de velhos objetos. Como frequentemente os deuses, os móveis também tem às vezes oportunidade a uma existência segunda, passando do uso ingênuo ao barroco cultural. (Baudrillard, 1997, P. 22)

A poética de Rufino é toda ela calcada na memória, como cita Sylvia Warneck (2005), suas obras são concebidas a partir de objetos garimpados entre os pertences de sua ou outras famílias: móveis, utensílios corriqueiros, fotografias, documentos e cartas carregados de emoções, histórias e memórias.

O artista traz *Ulysses* para o Rio de Janeiro em uma exposição na Fundação Casa França-Brasil. O *Ulysses* exposto está deitado, sem vida, como se fosse trazido pelo mar. A obra ocupa o salão principal da Fundação, mais duas salas e o Cofre, com uma obra de Efraim Almeida. No salão principal está *Ulysses*, deitado, na segunda sala estão expostos mapas e desenhos feitos durante a montagem deste trabalho, em uma terceira sala estão desenhos feitos pelos observadores, uma referência ao Cadáver Esquisito, proposto pelo Surrealismo, e no Cofre, como que um contraponto com o gigante deitado, está uma obra de Efraim Almeida.

Os mecanismos da memória estão diretamente ligados ao armazenamento de informações, como uma espécie de inventário pessoal, José Rufino pode ter feito referência quanto a isso, colocando um arquivo na cabeça de *Ulysses*, também pode ser referência quanto às tentações de esquecimento, da própria história de Ulisses na literatura.

O *Ulysses* de José Rufino traz vestígios como portas, janelas, arquivos, gavetas, escrivaninhas, pedras, cordas, todos encontrados na cidade, abandonados e esquecidos. Se apropriou de objetos que já foram utilizados e estavam abandonados, muitos deles soterrados por outras construções. Aqui entra a sua formação científica como paleontologista. O cientista complementa o artista. Como paleontologista ele estuda espécies desaparecidas, busca memórias do passado, como em seus trabalhos. Falar de memória também, segundo Le Goff (2003), é uma forma de se apropriar do tempo, a memória de algo que já passou, de um tempo que não mais nos pertence.

Ele faz uma discussão quanto à reconstrução da cidade do Rio de Janeiro para eventos de repercussão mundial, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. O que ele quer fazer lembrar? O que ele quer fazer esquecer?

Não é apenas a dimensão da obra que impressiona, mas os materiais utilizados, a possibilidade de “entrar” no corpo de *Ulysses*, o cheiro dos materiais que sofreram a ação do tempo. Tudo tem relação com o corpo, com as sensações e a memória.

Marcelo Campos, curador da exposição cita que esta obra possui uma forte ligação com as esculturas de Pevsner e Naum Gabo, pois foi no Construtivismo que as esculturas começaram a ter seu interior revelado. Em *Ulysses* pode-se observar o outro

através da obra, o observador pode fazer parte, não apenas com sua experiência, mas podendo ser observado através da obra.

2. Relação dos principais elementos de *Ulysses* a outras obras do artista.

Os objetos são matéria para as obras de José Rufino, assim como a memória o tema, sabendo disso pode-se fazer uma análise anacrônica do uso de objetos na história da arte, ou na própria produção do artista, visando identificar elementos na obra *Ulysses*.

A primeira obra do repertório deste artista selecionada para análise é *Léthe* (figura 2), o Rio do Esquecimento. Foi escolhida pela relação com o objeto, com a memória e o esquecimento, pois na mitologia grega Lete era um rio em que as pessoas que bebesses de suas águas alcançariam o completo esquecimento. São utilizados mobiliários de madeira e raízes de árvores, todos unificados pela mesma cor escura, vinculando os objetos e apagando suas origens. As raízes também foram desenterradas, escavadas como em *Ulysses*.



Figura 2. José Rufino - *Léthe*, 2009 (Rio do Esquecimento)

Vista da instalação na Galeria Virgílio, São Paulo. Mobiliário de madeira, raízes modificadas, metais e vernizes. Cerca de 9m de comprimento (dimensões e configurações variáveis). Acervo José Rufino.

Fonte: www.joserufino.com

Os trabalhos de José Rufino impregnam de sensações e de lembranças. A próxima obra selecionada que foi relacionada com *Ulysses* foi *Silentio*. Nesta obra o artista ocupa uma sala com restos deixados pela enchente de Viana. Em um primeiro momento pode-se relacionar *Silentio* com *Ulysses*, pois também é um *site specific*. O interessante do trabalho de Rufino é que quando ele cria um *site specific* ele cria com objetos de memória do próprio entorno, ou que são relacionados com a cidade (figura 3).

Deleuze & Guatarri citam que:

A sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto. Toda a matéria se torna expressiva. É o afecto que é metálico, cristalino, pétreo... e a sensação não é colorida, ela é colorante, como diz Cézanne. É por isso que quem só é pintor, é também mais que pintor, porque ele faz vir diante de nós, na frente da tela fixa, não a semelhança mas a pura sensação. (Deleuze & Guatarri, 1992, p. 197)

Essa obra não diz respeito apenas ao material, fala principalmente às sensações vividas por pessoas que passaram pela mesma situação, que viram seus pertences levados, que encontraram uma sala vazia, vazia de suas lembranças, mas com objetos trazidos de outras pessoas, outras memórias, memórias que acabam se relacionando pela sensação de perda e de invasão, de impotência diante da natureza. E no final, o que resta é uma sala vestida com uma marca escura na parede, marca que não faz esquecer o que aconteceu. O material também é unificado por uma cor preta brilhante, mas continua com sua forma original.



Figura 3. José Rufino - *Silentio*, 2010, Site specific.
Raízes, galhos, partes de móveis e madeiras diversas recolhidas após enchente na cidade de Viana (2,00 x 0,60 x 33,76m). Fonte: www.joserufino.com

Juhani Pallasmaa, em seu livro *Os olhos da Pele – a arquitetura e os sentidos*, traz considerações interessantes a respeito da sensação no espaço, relacionada com experiências pessoais. Ele cita que:

A sensação de identidade pessoal, reforçada pela arte e arquitetura, permite que nos envolvamos totalmente nas dimensões mentais de sonhos, imaginações e desejos. Edificações e cidades fornecem o horizonte para o entendimento e o confronto da condição existencial humana. [...] O significado final de qualquer edificação ultrapassa a arquitetura; ele relaciona nossa consciência para o mundo e nossa própria sensação de termos uma identidade e estarmos vivos. (Pallasmaa, 2011, p. 11)

Foi também selecionada a obra *Faustus*, montada em 2010 no Palácio da Aclamação, na Bahia. Em *Faustus* José Rufino monta uma espécie de esqueleto de um gigante, o que a liga fortemente a *Ulysses*. Traz todas as questões da memória novamente, e a relação com o patrimônio, pela própria história do palácio e da cidade. É uma instalação que também remete ao corpo de uma forma figurativa. *Faustus*, do escritor alemão Wolfgang von Goethe, é transportado da literatura para a escultura, assim como *Ulysses*, e também possui uma associação com o poema de Fernando Pessoaⁱⁱ (figura 4).



Figura 4. José Rufino - *Faustus*, 2010, Site specific.

Vista da instalação. Palácio da Aclamação, Salvador, Bahia. Curadoria Marcelo Campos. Gesso, partes de móveis antigos (volutas, pernas de mesas), mesa e cadeiras antigas, tábuas e trilha sonora. Acervo José Rufino. Fonte: www.joserufino.com

A última relação com a obra *Ulysses* foi feita com a obra *29.01.79* (figura 5), na qual o artista recria o velório de seu avô. Pode-se fazer inicialmente uma relação com *Ulysses* no formato do corpo presente nas duas esculturas. Outra relação importante é a morte, tema que, junto com a memória, é abordado em todas as obras selecionadas para análise e para fazer relação com a obra escolhida nesta pesquisa.



Figura 5. José Rufino. 29.01.79, 2011
Mesa antiga e pedras. Acervo José Rufino. Fonte: www.joserufino.com

Na Coleção de Livros da Trigésima Bienal, Giordano Bruno escreve a respeito dos vínculos, ele cita que:

Artigo II. Efeito daquele que liga por vínculo. Esta é aquela força que, por estabelecer vínculos, os platônicos dizem que adorna a mente com a ordem das ideias; que preenche o espírito com a sequência dos raciocínios e com discursos harmoniosos; fecunda a natureza com sementes variadas; que dá forma à matéria com uma infinidade de condições; que vitrifica, aplaca, acaricia, estimula todas as coisas; que ordena, procria, rege, atrai, inflama todas as coisas; que move, abre, ilumina, purga, satisfaz, completa todas as coisas. (Bruno, 2012, p. 04)

José Rufino consegue criar vínculos tanto em suas obras, como com as experiências e sensações dos observadores. Vínculos com a memória, esquecimento e com os objetos, seu Ulysses cria vínculos também com a cidade, pois é um corpo feito de cidade.

3. Principais interlocuções, deslocamentos e metamorfoses da imagem de *Ulysses*.

No 7º conto de sua *Odisseia*, Homero relata como Ulisses passa por um naufrágio na Ilha de Esquéria, quando retornava à sua terra natal. É encontrado pela filha do rei e permanece na ilha três dias. Na sua festa de despedida, relata sua história aos presentes. Ulisses narra às três tentações de esquecimento pelas quais foi exposto e

que por passar pela última, seu barco naufragou. As tentações de esquecimento são uma forma de fazer com que o herói não retorne à sua casa e se perca. ⁱⁱⁱ

Ulisses de Homero e o Ulysses de José Rufino estão ligados, possuem um vínculo. Os dois possuem uma relação com a memória, com o não esquecimento da cidade natal. José Rufino pode estar fazendo uma crítica à velocidade da cidade, a cidade esquecendo suas construções históricas para dar lugar a avenidas e prédios contemporâneos, esquecendo suas memórias.

No corpo desse Ulysses, José Rufino quer muito mais, busca não apenas os interiores das construções, mas a cidade em sentido ampliado. Estamos diante do que estava enterrado. Teria tal corpo homérico emergido ou se desencavado? (...) Agregam-se vestígios da cidade do Rio de Janeiro e das civilizações passadas. (Campos, 2012)

Mas mesmo possuindo esse vínculo, eles são opostos, Ulisses da literatura, retorna para a Ilha de Ítaca, enquanto Ulysses de José Rufino está morto no Rio de Janeiro. O artista cita que faz uma conexão de sua obra com o Ulisses (Leopold Bloom) de James Joyce, mas que “seria inevitável começar por Homero e sua incrível Odisseia num mar de fábulas” (Rufino, 2013, p. 09).

Ulysses de José Rufino traz também uma discussão em relação aos monumentos e à morte. Jacques Le Goff (2003) cita que os monumentos são sinais do passado e podem evocá-lo, perpetuando a recordação, fazem lembrar, evitam o esquecimento. Os monumentos podem ser comemorativos ou “perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte” (Le Goff, 2003, p. 526).

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva), e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.

Em uma segunda sala, chamada de *Memorabilia*, estão desenhos, projetos, mapas antigos, estampas, produzidos durante a construção de Ulysses (<http://www.joserufino.com/site/obras/>) José Rufino faz o projeto da obra, trata seu Ulysses como um fato científico, registrando e retornando ao processo de seus primeiros trabalhos Cartas de Areia, nos quais interfere nas cartas recebidas de herança, que eram endereçadas ao avô. O Ulysses de José Rufino é feito de fragmentos, um corpo híbrido. No catálogo da exposição o artista cita que “Ele é uma coleção de pedaços. É, antes de tudo, um corpo museográfico, uma quimera^{iv} taxonômica”. (Rufino, 2013, p. 32)

Conclusão

Com a pesquisa realizada até este momento, percebe-se que José Rufino tanto em *Ulysses* como em seus outros trabalhos cria vínculos entre os materiais isso com relação ao tipo de objetos escolhidos para as obras, como também quando o artista os unifica com tinta escura, apagando suas origens. Vincula também o observador à obra, pois seus trabalhos podem ser interpretados de várias maneiras, dependendo do repertório e da memória de cada indivíduo. Em *Ulysses*, busca objetos da cidade do Rio de Janeiro, pois a cidade está em uma espécie de reconstrução devido aos eventos que irá sediar, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Outro ponto importante com relação à fatura de José Rufino e que se repetem na poética do artista é que ele utiliza materiais do entorno para montar seus *site specific*, objetos que possuem relação com o corpo como a mobília. Retira os objetos de sua função usual e os eleva à categoria de obra de arte.

Referências Bibliográficas

Livros

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BRUNO, Giordano, 1548-1600. **Os vínculos**. São Paulo: Hedra, 2012 (Coleção Bienal).

DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **O que é Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

PALLASMAA, Juhani, **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RUFINO, José. Desenhos ao Léthe. In: PESSOA, Fernando & CANTON, Kátia (organizadores). **Sentidos e Arte Contemporânea**. Seminários Internacionais II, Museu Vale do Rio Doce, 2007. Sentidos na/da Arte Contemporânea. Vila Velha. 136-145. Disponível em: <<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/Desenhos-ao-Lethe2.pdf>>.

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Artigos

WERNECK, Sylvia. José Rufino e a memória. In: II CoMA – COLETIVO DO MESTRADO EM ARTES, Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/Texto-Sylvia-Werneck-Jose-Rufino-e-a-memoria.pdf>>.

Catálogos

RUFINO, José. **Ulysses** [Marcelo Campos]. Rio de Janeiro: Imago, 2013.

COCCHIARALE, Fernando. Folder da mostra *DivortiumAquarum*. Usina Cultural Energisa. Prêmio Energisa de Artes Visuais, João Pessoa, 08 de setembro a 16 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://www.joserufino.com/site/wp-content/uploads/2011/04/Texto-Fernando-Cocchiarale-Divortium-Aquarum2.pdf>>.

<http://www.joserufino.com/site/biografia/>

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.

<http://michaelis.uol.com.br/>

ⁱ Ulisses presente na literatura de:

JOYCE, James. *Ulysses*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

PESSOA, Fernando. **Mensagem Brasão II Os Castellos – Ulisses**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>. Acesso: 19, fev 2013.

Ulisses de Homero - WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ⁱⁱ PESSOA, Fernando. **Mensagem Brasão II Os Castellos – Ulisses**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>.

ⁱⁱⁱ WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

^{iv} Monstro da mitologia grega, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão. Criação absurda da imaginação